

consistência. Não é o caso, evidentemente, de Mauro, que não improvisa, mas investiga, lê, reflete e depois elabora os seus estudos, modelos interpretativos ou comparações. Elas se impõem naturalmente, não surgem de buscas forçadas de paralelos imaginários.

O volume termina com oportuno estudo “como desenvolver as pesquisas francesas sobre a História da América Latina”, com indicações sobre um trabalho que vem sendo feito e que pode ser incentivado: o pouco até agora obtido e as múltiplas tarefas que se apresentam, com material e temas a serem vistos, em programa que se impõe, no interesse do Brasil e da França.

Pode-se dizer, em resumo, que o êxito da obra de Frédéric Mauro é devido à sua erudição e à sensibilidade que tem para o social. Elas, exatamente, é que fazem as obras históricas de significado, que escapam do simples arrolamento, da narrativa, atingindo a exposição em que há o sentido convenientemente captado. A pesquisa sem a teoria é muito pouco, como a teoria sem a pesquisa pode significar simples reinterpretação ou exercício, perdendo-se muitas vezes em tom abstrato que costuma ser estéril. A conjugação das duas habilidades em Mauro é que explica o seu êxito como historiador e os méritos da obra que lança inicialmente no Brasil, recolhendo ensaios esparsos em revistas e que formam conjunto que tem unidade e coerência. Causa alegria ao brasileiro saber que o autor se sente atraído ainda por nossa História, voltando-se agora para os séculos XIX e XX, “cuja economia os historiadores negligenciaram em extremo”, como assinala no prefácio. E’ aí que têm melhor aplicação os métodos quantitativistas que expõe ou aplica. Muito se espera da colaboração desse francês que tem cuidados especiais com problemas brasileiros, aos quais já deu bastante no sentido de melhor esclarecimento.

FRANCISCO IGLÉSIAS

* * *

HUXLEY (Aldous). — *Eminência parda: um estudo de política e religião.*

Tradução e apresentação de Luís Carlos Lisboa. Editora Saga. Rio de Janeiro. 1967. 306 pp.

As guerras de religião que se seguiram à reforma protestante do século XVI, ensanguentando vários países da Europa acirradamente dividida entre católicos e reformados — guerras que, a rigor, só terminariam definitivamente com a paz de Westphália em 1648 — tiveram, por outro lado, o condão de fortalecer o poderio da Igreja Católica, tornando-a ainda mais ligada ao Estado, especialmente na França onde religião e política caminharão de mãos dadas por alguns séculos e onde a própria Igreja tornar-se-á mais partido político do que propriamente religião. Não foi por acaso e nem por mera coincidência que altas figuras do clero manobraram as rédeas do governo francês durante quase todo o século XVII.

E’ com esta idéia que devemos considerar a história interna da França — e por que não a de toda a Europa? — e é com esta idéia, sobretudo, que devemos ler a obra que Aldous Huxley dedicou a Frei José de Paris, a “eminência parda” do Cardeal Richelieu, o “homem que conduziu os destinos do mundo europeu oci-

dental no século XVII, lançando mão de tôdas as artimanhas políticas em nome de Deus". Em que pese o sentido de propaganda que esta frase colocada na contracapa do volume da Editôra Saga possa representar para o leitor menos avisado, no fundo ela traduz uma verdade. Homem de confiança de Richelieu e principal responsável pela política exterior da França ao tempo de Luís XIII, Frei José movia-se muito a vontade nesse cenário fabuloso, ombro a ombro com a simulação e a venalidade. Para êle, tudo era permitido, desde que servisse à causa dos Bourbons e da França, que era, no seu entender, o "instrumento da vontade de Deus no Mundo". A idéia não era nova. A nação francesa praticamente desde a sua constituição no início dos tempos medievais, tornara-se um baluarte da Igreja. Desde Carlos Magno. Desde São Luís e Filipe-Augusto. Novamente nas Cruzadas. Outra vez na Guerra dos Cem Anos. E quando a Europa divide-se em dois campos, por ocasião do movimento de Lutero e Calvino, aquêlê campo que se julgou mais representativo da verdade e da vontade de Deus novamente se acastelou na França, a "menina dos olhos da Igreja Católica", como passou a ser chamada. Nada a estranhar, pois, que ao tempo de Richelieu e de sua "eminência parda", Deus e França ou França e Deus confundam-se novamente. O *Dieu le veut* dos antigos cruzados poderia figurar nos braços bourbônicos, pelo menos enquanto êles são acirradamente defendidos por figuras do naipe do nosso biografado.

Com efeito, poucos períodos da História foram tão férteis em fermentação política e intriga internacional. Assim, a "eminência parda" que Richelieu apelidava de "Cavernoso-Tenebroso", podia, entre outras causas, justificar a Guerra dos Trinta Anos como uma "boa causa", achando que uma ação que difundia o canibalismo político e generalizava a prática da tortura e do assassinio estaria de acôrdo com a vontade de Deus, desde que fôsse de vantagem para a França. Frei José — lembra Luis Carlos Lisboa no prefácio que escreveu para o presente volume — aprendera a ver todos os homens da mesma maneira, como filhos de Deus que eram. Os homens, para o capuchinho, dividiam-se entre os que serviam a Deus (a França era instrumento divino) e os que o desserviam, levados pelo espirito do mal. A êsses não feria, mas envolvia nas suas malhas e habilidades. Seu poder de persuasão foi poucas vêzes igualado. Quando Molière escreveu o *Tartufo*, retratou cruelmente Frei José num dos seus personagens, exatamente aquêlê que era um hipócrita refinado. O que nele mais espanta é o paradoxo dos êxtases místicos entremeados às conferências com espões e agentes secretos. Como conciliar os excrícios espirituais com a luta para manter acesa uma guerra tão cruenta como a dos Trinta Anos? Pergunta o apresentador da obra de Huxley, para lembrar, em seguida, que os próprios contemporâneos de Frei José davam testemunho da irregularidade de seu comportamento.

Em apêndice, lembra Huxley o que se tem escrito na França sôbre o seu curioso biografado, desde Lepré-Balin que, dez anos após a morte da "eminência parda", começou a reunir documentos para um *Suplemento para a História da França*, que não chegou a ser publicado, tendo o manuscrito desaparecido do país e ido parar na Inglaterra, onde foi descoberto em 1890 por Gustave Fagniez. A obra que êste autor publicou em 1894 com o título *Le Père Joseph e Richelieu*,

embora desordenada e de pouco valor biográfico, foi uma das grandes fontes de informações em que se abeberou Aldous Huxley, juntamente com os primeiros cinco volumes da *Histoire du sentiment religieux en France*, de Brémond. Esse livro, que é ao mesmo tempo narrativa histórica, comentário crítico e antologia de uma literatura praticamente inacessível, figura entre as obras mais valiosas de erudição do presente século. Para quem possa se interessar pela psicologia dos seres humanos tais como são normalmente e como poderiam ser se pudessem, os volumes de Brémond são indispensáveis, como o são também aos que, mais modestamente, interessam-se pela história interna da França no século XVII.

Escrito com aquêlo estilo fluente e aquela argúcia de análise e de observação que já nos habituamos a ver no autor de *Contraponto*, estamos certos de que *Eminência parda* despertará interêsse entre o público brasileiro, notadamente entre os que apreciam a literatura histórica.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

LACIVER (Marcel). — *La population de Meulan du XVIIe au XIXe siècle (vers 1600-1870). Étude de démographie historique*. S.E.V.P.E.N. Paris. Coleção "Démographie et Sociétés". Publicação da École des Hautes Études. VIe Section. Centre de Recherches Historiques. 1969. 339 páginas. Preço — FR 62,70.

Situada na Ile-de-France, sôbre o Sena, a 40 quilômetros a oeste de Paris, Meulan está em contacto com duas regiões de economia complementares: o Vexin, produtor de cereais, e o Vale do Sena, vinhateiro.

A cidade alicerça sua prosperidade sôbre o comércio e o artesanato de couro. A natalidade é muito forte e, até 1760, a fecundidade legítima é muito elevada; a partir dessa data começa a limitação voluntária dos nascimentos nos casais, aumentando, entretanto, os nascimentos ilegítimos e concepções pré-nupciais.

A população sofreu muito com as crises de cereais e as epidemias da época de Luís XIV e aumentou rapidamente no XVIII século. A curva dos nascimentos e das mortes mostra uma sucessão de períodos de fluxos e refluxos. Essa população é muito móvel geograficamente e se renova muito rapidamente. A mortalidade é muito elevada até o fim do século XVIII, principalmente a mortalidade infantil e juvenil (cêrca de 50% de sobreviventes com 20 anos em 1789); aliás, alta fecundidade e grande mortalidade parecem estar sempre interligadas.

Esse livro inicia pois um nôvo aspecto da história demográfica urbana e mostra muito bem como as cidades têm um comportamento diferente do campo, mesmo nas proximidades de Paris.

E.S.P.

* *
*